

A difícil união do PFL e PSDB na disputa de 2006

Paulo de Tarso Lyra
de Brasília

O PFL saiu na frente do PSDB e já se articula para a corrida presidencial de 2006. Com pré-candidato, César Maia, e esboçando a plataforma de campanha, os pefelistas deixaram o abacaxi na mão dos tucanos, que ainda não se definiram em relação a Geraldo Alckmin (governador de São Paulo), Fernando Henrique (ex-presidente), José Serra (prefeito de São Paulo) e Aécio Neves (governador de Minas). O recado do PFL é claro: a união das oposições pode até acontecer no próximo ano, mas terá que ser algo negociado.

"Temos certeza que, se chegarmos ao segundo turno, teremos o apoio do PSDB. Se o candidato tucano tiver êxito, contará com o nosso apoio", garantiu o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC).

Para o pefelista, um grande número de candidatos é o ideal, pois evitaria que Lula fosse reeleito, por simples inércia. Bornhausen reforçou que as pesquisas de opinião pública vão definir o rumo das candidaturas de oposição no ano que vem.

"Quem estiver melhor colocado, terá preferência. Mas se optarmos por diluir os votos, esse apoio poderá acontecer apenas no segundo turno."

O PFL resolveu, de fato, aparar suas arestas internas. Apesar de não haver representantes do PFL baiano no seminário do partido, realizado na última quinta – o deputado Antônio Carlos Magalhães Neto (BA) participou da abertura mas saiu ainda pela manhã – todos na legenda garantem que o clima interno é de harmonia. E balizam a declaração em números. Segundo eles, desde outubro – já se vão seis meses – o partido não vive uma crise interna.

Independência

Para o líder do PFL no Senado, José Agripino Maia (RN), esse movimento de independência em relação ao PSDB é uma tendência que vem se consolidando na legenda nos últimos anos. Lembra que o primeiro sinal foi dado com o lançamento da candidatura de Roseana Sarney (MA) à presidência da República em 2002, abrindo mão

do apoio à candidatura do tucano José Serra.

O líder do PFL na Câmara, Rodrigo Maia (RJ), é pragmático ao definir as diferenças de concepção. Para ele, os projetos de poder e políticos do PFL e do PSD diferem entre si. Desta avaliação parte o impulso para a candidatura própria. "Vamos defender as teses de nosso candidato e nosso partido. Esperamos que elas prevaleçam no final", afirmou Maia.

Mas todos os grupos envolvidos negam que essa antecipação promovida pelo PFL represente um racha entre os dois principais partidos de oposição. Tucanos e pefelistas trocam juras de amor, respeito e confiança. Tanto que a abertura do Seminário "Desenvolvimento com Liberdade", promovido pelo PFL na última sexta, contou com a presença do líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), do líder da minoria no Senado, Sérgio Guerra (PE), e do presidente nacional da legenda, senador Eduardo Azeredo (MG). "Eles governaram conosco, estão na oposição conosco e, inevitavelmente, voltaremos a governar juntos, não tenho dúvidas disso", apostou Virgílio.

Estagnação

O tucano lembra que as pesquisas de opinião mostram um Lula estagnado em aproximadamente 42% de aceitação popular, o que, inevitavelmente, provoca um segundo turno. Por isso, as duas legendas mantêm a esperança de retomar o governo em 2006. "PSDB e PFL se entendem por sinais políticos, muito mais do que por palavras", resumiu José Agripino Maia.

Para não azedar as relações nacionais, o caso de São Paulo, no qual os pefelistas entusiasmados colocam lenha na fogueira da candidatura do governador Geraldo Alckmin (PSDB) à presidência – para que o vice pefelista, Cláudio Lembo, assuma o governo estadual – é tratado com cautela. Pefelistas e tucanos garantem que o assunto está circunscrito ao Estado. "A questão de São Paulo está sendo conduzida por São Paulo. Acreditamos que chegaremos a um bom termo em breve", apostou Bornhausen.